

A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NO ENSINO BÁSICO: A LINGUAGEM IMAGÉTICA COMO RECURSO PARA A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Rejane Cristina de Araujo Rodrigues
(professora CAP/UERJ e PUC-Rio)
Maria Alice Alkimim Andrade
(professora Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro)
rcarodrigues@gmail.com

Apresentação

O presente artigo é resultado do trabalho de uma das linhas de investigação desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG), nas dependências do Laboratório de Ensino de Geografia (LEGEO) do Instituto de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Este projeto tem como objetivo principal analisar as possibilidades de uso da linguagem imagética como um meio para a construção do conhecimento espacial, ou seja, o uso de imagens como recurso didático para expressar conhecimentos, aliado à prática educativa da Geografia.

O uso das imagens como recurso para o conhecimento tem sido negligenciado pela escola tradicional, a qual se apoiou, sobretudo, nas questões da definição. Para Maria Helena Silveira (1996), “nós temos que nos tornar a formar, porque nós fomos formados em uma escola em que apenas a palavra merecia algum respeito”.

Sgarbi (2007) afirma que “as imagens, sejam elas desenhadas, fotografadas, filmadas, pintadas... trazem conhecimentos muito relevantes... Qualquer que seja a imagem, ela causa um impacto em quem a vê, maior ou menor, mais superficial ou profundo...” O autor destaca que, embora os conhecimentos possam ser expressos em outras linguagens, principalmente a escrita, cada linguagem atinge diferentemente as pessoas e, portanto, o que está representado por imagens seria uma outra coisa se representado, por exemplo, apenas por um texto. Uma primeira diferenciação pode ser atribuída à necessidade de domínio pelo leitor de um código lingüístico com o qual o texto foi escrito, enquanto as imagens não obrigam o domínio de um código, embora não o proíba.

Não se trata, contudo, de uma análise da imagem em si, naquilo que a imagem por si só traz de informação, mas da utilização de seu poder na transmissão, análise, produção e fixação de conhecimentos diversos. Para este fim, propomos a análise de mensagens visuais mais complexas, como filmes e documentários, em que aparecem combinadas imagens sonoras, imagens fotográficas, imagens esquematizadas dentre outras.

Através desta pesquisa buscaremos construir teorias, propostas metodológicas e técnicas de exploração que têm como base a linguagem imagética como meio para a construção do conhecimento, ou seja, o uso de imagens como recurso didático aliado à prática educativa ou como linguagem que expressa conhecimentos, uma linguagem que se tem mostrado bastante interessante como expressão de conhecimentos.

Assim, acreditamos poder oferecer aos alunos do ensino fundamental e médio um novo olhar sobre as imagens e que elas, a partir dessa reflexão e entendimento possam promover, de fato, uma educação geográfica. Souza (2007) destaca que “... mesmo que o cinema não possa por si só transformar o mundo, ainda assim podemos apostar no cinema como um modo de narrar nossas histórias, transformando-as em revelações que nos permitem uma tomada de consciência da necessidade de agirmos com responsabilidade.”

O projeto “**A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NO ENSINO BÁSICO: A LINGUAGEM IMAGÉTICA COMO RECURSO PARA A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**” se constitui como uma linha de investigação integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG) que, desde 2005, vem desenvolvendo pesquisas sobre novas metodologias voltadas às demandas específicas do ensino de geografia. O grupo de pesquisa funciona nas dependências do Laboratório de Ensino de Geografia (LEGEO) do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), sendo composto por oito professores pesquisadores do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, CAp/UERJ. Esses docentes/pesquisadores, em seu trabalho cotidiano junto aos alunos, estagiários/licenciandos e bolsistas, desenvolvem investigações científicas diversas no âmbito educacional e pedagógico, desenvolvendo novos materiais didáticos, estratégias metodológicas para o ensino da Geografia, avaliações formativas e currículos diferenciados, além de participarem freqüentemente de outros projetos de extensão e ensino.

O GPEG surgiu do desejo dos professores do CAp-UERJ em consolidar suas atividades de ensino através da regularidade da pesquisa acadêmica em torno de questões da educação geográfica, o que vem resultando experimentações diversas no campo da formação de novos professores e da formação continuada de professores em exercício de regência e gestão escolar. Atualmente são desenvolvidas no GPEG quatro linhas de pesquisa (devidamente registradas na Plataforma de Grupos de Pesquisa do CNPQ) cujos objetivos principais podem ser assim sintetizados:

1. o resgate do instrumental cartográfico como estratégia de educação geográfica;
2. o desenvolvimento de uma educação ambiental efetivamente curricular;
3. a delimitação de estratégias de autonomização discente através da metodologia de seminários e outros trabalhos coletivos; e
4. a elaboração de estratégias de transposição de informações, dados e estruturas de pensamento em materiais didáticos diversos para o ensino básico da Geografia.

O projeto relacionado à produção audiovisual, ora apresentado, se constitui como uma das linhas de investigação do GPEG apoiada em bases teóricas já consolidadas pela pesquisa em andamento, devendo ampliar as atividades desenvolvidas pelo grupo na linha nº.4, a qual atende às determinações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em vigor ao valorizar, dentre outros aspectos, o exercício de habilidades sócioeducativas que possam dar significado e transcendência aos conteúdos escolares, com desdobramentos significativos para todo o Ensino básico.

Dos objetivos do projeto

Este projeto de investigação tem como objetivo principal analisar as possibilidades de uso da linguagem imagética como um meio para a construção do conhecimento espacial, ou seja, *o uso de imagens como recurso didático para expressar conhecimentos, aliado à prática educativa da Geografia*. Não se trata, portanto, de uma análise da imagem em si, naquilo que a imagem por si só traz de informação, mas da utilização de seu poder na transmissão, análise, produção e fixação de conhecimentos diversos. De acordo com Viviane Fachin (2002), trata-se de pôr em prática uma

“telepedagogia” que alie o mundo da visualidade ao processo educativo, processo que não prescinde, contudo, do papel essencial do professor¹.

Partimos, portanto, do pressuposto de que a escola deve adotar uma metodologia de trabalho que possibilite a utilização dos recursos audiovisuais não apenas como um instrumento didático sem vínculos com os currículos em vigor, mas como uma prática disciplinar que *destaque o papel do professor enquanto mediador dos recursos audiovisuais na sensibilização dos alunos*.

Do objetivo mais geral decorrem outros objetivos específicos. A saber:

1. a capacitação do aluno para compreender e interpretar as informações difundidas pela produção audiovisual nacional e internacional, contribuindo para a sua formação como cidadão crítico-reflexivo e atuante;
2. o desenvolvimento de uma estrutura de pesquisa sobre o uso da linguagem imagética na educação geográfica, bem como no ambiente educativo de forma mais geral;
3. a organização e disponibilização de materiais acadêmicos sobre novas estratégias e metodologias de ação no âmbito dos estudos e do ensino da Geografia que possa contribuir para a formação continuada de professores;
4. a construção de materiais didáticos e paradidáticos apoiada no uso estruturado da linguagem imagética; e
5. a oferta de contribuições experimentais às teorias que tratam do uso da linguagem imagética no processo ensino-aprendizagem.

Para este fim, propomos a análise de mensagens visuais mais complexas, como filmes e documentários, em que aparecem combinadas imagens sonoras, imagens fotográficas, imagens esquematizadas dentre outras. Através dessa combinação, acreditamos poder oferecer aos alunos do ensino fundamental e médio do CAp-UERJ um novo olhar sobre as imagens e que elas, a partir dessa reflexão e entendimento possam promover, de fato, uma educação geográfica.

Cabe destacar que os resultados mais imediatos no que diz respeito à produção de material didático, a partir da análise e interpretação do material audiovisual em questão, estão entrelaçados aos objetivos mais gerais do grupo de pesquisa: a) a formação continuada para professores do ensino básico, das redes pública e particular; b) a integração a proposta dos cursos de formação de professores de Geografia; c) a integração entre ensino e pesquisa em ensino de Geografia no CAp-UERJ; e d) a transformação das metodologias de ensino de Geografia atualmente em vigor por um projeto em educação geográfica mais amplo e consistente.

Linguagem imagética e motivação para o aprendizado

A escolha da linguagem imagética como objeto da pesquisa se apresenta como um tema de extrema importância neste momento em que a formação dos alunos nas escolas básicas se vê diante de um dilema fundamental: os apelos imagéticos da sociedade midiática que são muito mais sedutores para os jovens em idade escolar da nossa sociedade do que os materiais didáticos apresentados a eles nas escolas, obrigando os

¹ Em sua pesquisa sobre as possibilidades de formação do conhecimento através da utilização de filmes e imagens na prática educacional, Viviane Fachin (2002) apontava importantes diferenças na aprendizagem / fixação de conteúdos e no comportamento de alunos divididos em dois grupos: grupo de controle sem intermediação do professor grupo de pesquisa com intermediação do professor. Embora em ambos os grupos tenha havido acréscimo de conhecimentos e mudança de postura frente aos assuntos estudados, o autor afirma que, ao término da análise dos dados, houve maior e mais expressiva conscientização pelo grupo em que as aulas teóricas e imagéticas foram intermediadas pelo professor.

educadores a pensarem, com urgência, na renovação de seus recursos didáticos como estratégia no processo ensino-aprendizagem.

Nossa preocupação vai além do problema da evasão escolar, que tem sido resolvido de maneira direta ou indireta através de programas como o do “Bolsa-Escola”. Nos preocupa muito mais uma questão que extrapola o aspecto social da falta da renda para aproximar os alunos das aulas: *a da motivação para o conhecimento, em particular aquele difundido nas escolas*, um grave problema que se apresenta de maneira cada vez mais evidente nas redes pública e privada de ensino, nas classes alta, média e baixa. O desinteresse aparece atrelado à desvalorização do saber oferecido nas salas de aula, pelas atividades escolares dos professores, colocando em questão a própria sobrevivência dessa instituição como formadora de crianças e jovens que têm os seus saberes cada vez mais definidos pela mídia de massa, afastando os indivíduos da possibilidade deles serem os seus próprios instrumentos de justiça social através do conhecimento.

Muitas das produções na área de educação dedicam-se a estudos sobre a seleção e adequação de conteúdos programáticos, etc. Entretanto, entendemos que não é somente na revisão de conteúdos que encontraremos a solução para as dificuldades vivenciadas no cotidiano das escolas do país. É através da renovação metodológica que poderemos alcançar algumas possibilidades concretas de re-adequação dos “velhos e novos” conteúdos às novas demandas educacionais em uma sociedade em permanente transformação e, assim, dar impulso a uma das principais molas do aprendizado, *a motivação e o interesse dos alunos pela escola*.

Neste campo, o da motivação para o conhecimento, concordamos com diversos autores que destacam o papel essencial da linguagem imagética como expressão de conhecimentos. Nos ensinamentos fundamental e médio, etapa do desenvolvimento cognitivo em que a linguagem visual tem grande impacto na capacidade de aprendizagem de crianças e jovens, *“a criança vive um universo muito visual, livros, gibis, TV etc. Ela desenha, ela rabisca, ela cria imagens”* (COELHO, 1996).

Entretanto, o uso das imagens como recurso para o conhecimento tem sido negligenciado pela escola tradicional, que se apoiou, sobretudo, nas “questões da definição”. Para Maria Helena Silveira (1996) não somente as crianças, mas, principalmente, os educadores precisam recorrer à linguagem imagética. Para a autora, *“nós temos que nos tornar a formar, porque nós fomos formados em uma escola em que apenas a palavra merecia algum respeito”*.

Os conhecimentos podem, de acordo com Paulo Sgarbi (2007) ser expressos em várias linguagens, principalmente a escrita..., mas é evidente que cada linguagem atinge diferentemente as pessoas e, portanto, o que está representado por imagens seria uma outra coisa se representado, por exemplo, apenas por um texto. Uma primeira diferenciação pode ser atribuída à necessidade de domínio pelo leitor de um código lingüístico com o qual o texto foi escrito, enquanto as imagens não obrigam o domínio de um código, embora não o proíba.

Muitas vezes, as imagens, por si só, ganham significados, mas a sua articulação com o texto estabelece uma relação um pouco mais específica. Assim, afirma Paulo Sgarbi (2007), podemos ver práticas possíveis através de suas representações imagéticas ou descrições verbais ou, o que parece ainda mais interessante, na articulação entre essas duas linguagens.

“... as articulações entre diferentes linguagens são uma boa alternativa para uma representação mais aprofundada, sem, no entanto, se deixar cair na esparrela de que uma é superior à outra – em que pese a hegemonia

histórica da linguagem verbal [oral e escrita]. Quer como ilustração, quer como representação significativa de um conhecimento específico, quer como outra coisa qualquer, a imagem, como as palavras, são criações arbitrárias e, como tal, não são o real, mas apenas um seu discurso.” (SGARBI, 2007, p.23)

Na prática escolar tradicional, os livros didáticos têm sido o principal, senão o único, suporte didático através do qual é também apresentada para os alunos a linguagem imagética, limitando a capacidade que esta linguagem tem a oferecer e, principalmente, a possibilidade de desenvolvimento de habilidades mais complexas pelos alunos.

De acordo com Maria Helena Silveira (1996), os livros se prendem ao como, enquanto o estudar a pensar sobre as imagens nos oferece uma base muito clara de trabalho com os alunos no sentido de *“fazê-los observar e apreender pelos olhos”*. A análise ou o confronto entre fontes imagéticas distintas, um filme comercial e um documentário, por exemplo, contribuem para que o aluno se aproxime do conhecimento a partir da comparação, da observação das diferenças e das semelhanças. É somente neste momento que, segundo Maria Helena da Silveira (1996), *“o indivíduo estará aprendendo... de resto ele estará repetindo o que nós dizemos. Isso é função da escola...”* (p.25). Nessa mesma linha de raciocínio, Sgarbi (2007) afirma que

“as imagens, sejam elas desenhadas, fotografadas, filmadas, pintadas... trazem conhecimentos muito relevantes... Qualquer que seja a imagem, ela causa um impacto em quem a vê, maior ou menor, mais superficial ou profundo...” (p.25).

A imagem é uma fonte de conhecimentos (SILVEIRA, 1996), é uma cristalização sensorial (MOLES, 1999) que cumpre, portanto, importante papel na transmissão de informação, na didática e em toda a atividade social.

Além disso, colocam-se os distintos papéis desempenhados pelo Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira: 1) a educação formal de alunos de ensino fundamental e médio; 2) a formação de professores; 3) a organização de projetos de extensão e; 4) a produção de projetos de pesquisa. Destaca-se o CAp-UERJ como um ambiente privilegiado para a produção e difusão de novas propostas metodológicas, que devem estar voltadas para uma educação geográfica corroborada socialmente e atualizada frente à legislação em vigor. Tal qualificação do CAp-UERJ pode ser comprovada frente aos objetivos mais gerais do instituto no campo da experimentação e difusão de estratégias metodológicas de formação profissional de futuros professores, na re-qualificação (formação continuada) de profissionais em atuação e na disponibilização do conhecimento acadêmico como fonte para novas pesquisas a serem incorporadas ao processo educacional no país.

A produção audiovisual e o ensino da geografia

Para o desenvolvimento da proposta apresentada estão sendo utilizados, nesta primeira etapa da pesquisa, a produção audiovisual como o objeto de investigação e base para a produção de novas metodologias para a educação geográfica, que se constituirão em expressiva contribuição para o desenvolvimento da capacidade de leitura e compreensão dos processos que se desenrolam, historicamente, no espaço geográfico.

Dentre as várias formas de representação das imagens (desenhos, gravuras, pinturas, charges, gráficos, fotografias etc), tomamos como o objeto preferencial desta pesquisa filmes e documentários produzidos no país ou no exterior, a partir dos quais pretendemos avaliar educacional, conceitual e pedagogicamente as possíveis

contribuições desse instrumental para a o processo ensino-aprendizagem de alunos do ensino básico e dos futuros profissionais de sala de aula. Não resta dúvida de que a escolha por esta forma de representação de imagens não é neutra, trata-se de uma opção pedagógica que tem como fundamentação o caráter mais versátil e desafiador deste recurso tanto para alunos quanto para professores.

“Com seus movimentos, enquadramentos, ampliações e aproximações, a câmara captura o real em diálogo com a imaginação. Entretanto, a câmara, nada mais é do que um instrumento que nos permite mostrar para os outros, de forma ampliada, coisas que, de certo modo, temos a capacidade de ver a revelia do seu uso propriamente. Mas para que isto aconteça é necessário cultivar experiências que fazem do olhar um diálogo permanente com a imaginação. É preciso não ter medo de experimentar o mundo para além dos enquadramentos impostos por uma cultura massificada que normalmente limita os modos de ver. Ousar enxergar novas formas nos objetos convencionais...”. (SOUZA, 2007)

Material de uso do cotidiano de diversos professores, as produções audiovisuais têm sido, entretanto, comumente tomadas como elemento sensibilizador do processo de aprendizagem, sendo utilizadas como ponto de partida ou momento final ilustrativo de um conteúdo de trabalho. Em nosso projeto, a produção audiovisual é analisada de forma a permitir a construção de uma proposta metodológica que articule as diferentes etapas da aprendizagem, explorando sua enorme capacidade de estímulo à memória, a chamada memória imagética, e, principalmente, as possibilidades que oferece como meio de conhecimento, de interpretação crítico-reflexiva da realidade com efeitos sensíveis para a formação de cidadãos ativos e de uma sociedade mais autônoma. Solange Souza (2007: p.44) destaca:

“... mesmo que o cinema não possa por si só transformar o mundo, ainda assim podemos apostar no cinema como um modo de narrar nossas histórias, transformando-as em revelações que nos permitem uma tomada de consciência da necessidade de agirmos com responsabilidade.”

Foram selecionados inicialmente 50 títulos, dentre filmes e documentários utilizados pelos professores e estagiários do CAP/UERJ, além de outros títulos sugeridos em materiais didáticos publicados. Para cada filme é elaborada, inicialmente, uma ficha técnica, indicando título, direção, país da produção, duração, além de uma breve sinopse. A partir das informações contidas nas fichas, partimos para a terceira etapa da pesquisa, qual seja a análise de cada filme ou documentário. Com a ajuda de bolsistas de Iniciação Científica Junior, selecionados entre os alunos do ensino médio do CAP/UERJ, os filmes/documentários são assistidos para uma primeira avaliação sobre as possibilidades do material para as propostas mais gerais do ensino da geografia. Somente então, o filme/documentário é analisado detalhadamente e produzida uma ficha composta por um roteiro de observação, destinado aos alunos, e uma ficha, destinada ao professor, contendo uma sinopse adaptada aos objetivos da educação geográfica, além de informações técnicas sobre o filme, indicação do público alvo, tempo necessário à atividade e proposição de atividades a serem realizadas a partir do filme.

Um exemplo do trabalho pode ser visto na ficha apresentada a seguir:

Material para o professor		
FICHA CATALOGRÁFICA		
FILME:	Tucker: um homem e seu sonho	Nº. _001_
Direção:	Francis Ford Coppola	
Duração:	110 minutos	
Ano:	1988	

País:	EUA
Sinopse:	Baseado em uma história real, o filme narra a trajetória de Preston Tucker um engenheiro que projetou um novo e revolucionário modelo de automóvel. O filme se passa na década de 1950, quando, apesar do discurso liberal, o mercado automobilístico norte-americano se encontrava controlado por três grandes empresas fabricantes de automóveis, a Ford, a General Motors e a Chrysler. Para manter o controle oligopolista do mercado as Três Grandes se mobilizaram contra a Tucker S.A., tornando a empresa uma vítima de espionagem industrial, sabotagem administrativa e pressão política.
Conteúdos:	liberalismo x oligopolização do mercado
O FILME COMO RECURSO DIDÁTICO	
Temas da Geografia	<ul style="list-style-type: none"> ▪ industrialização/oligopolização de mercados ▪ desenvolvimento industrial norte-americano ▪ relações entre política e organização do espaço ▪ papel do Estado na organização socioespacial
Conceitos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ monopólio/oligopólio
Série Sugerida	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1º e 2º ano do Ensino Médio
Proposta de atividades	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A partir das passagens do filme e do roteiro entregue aos alunos propor a elaboração de um texto sobre a formação de oligopólios nos EUA a partir do início do século XX, destacando as estratégias utilizadas pelas empresas oligopolistas contra a concorrência, as articulações políticas necessárias à manutenção do <i>status quo</i>. ▪ Júri simulado: defensores dos ideais liberais (representando Tucker) contra defensores do controle de mercado (representando as Três Grandes) na sociedade norte-americana da década de 1950.
Interdisciplinaridade	<ul style="list-style-type: none"> ▪ história – pós II Guerra Mundial ▪ sociologia – liberalismo

Material para o aluno

Roteiro - Tucker: O Homem e Seu Sonho

Sinopse:

O filme conta a história de Preston Tucker, um entusiasta que almejava revolucionar a indústria automobilística “fazendo o carro do futuro no presente”. Tucker elaborou um projeto de automóvel que, além do design aerodinâmico, incorporava uma série de inovações como motor traseiro, cinto de segurança, freio a disco, dentre outras. Além do próprio Tucker, outros personagens são importantes na trama. O primeiro deles é Abe Karatz, conhecedor do mundo das finanças, que será apresentado ao projeto e se tornará sócio de Tucker.

Influenciado pela propaganda de uma casa pré-fabricada, que atraía o interesse e a confiança de consumidores e investidores pelo simples fato de aparecer na revista, Tucker dá início ao seu projeto, publicando um anúncio sobre o seu “carro do futuro” – “tenha um Tucker”... “compre um Tucker”. Entretanto, isto era ainda um simples sonho. Para torná-lo realidade, Tucker precisava fabricar o carro, precisava de uma fábrica, de funcionários...

O primeiro passo para a fabricação do carro era obter a autorização do governo. Karatz faz alguns contatos e Tucker organiza um almoço para apresentar as vantagens do seu projeto. Surge outra personagem, Oscar Beasley, funcionário do governo, o qual libera a concessão para funcionamento da Tucker S.A., mas impõe algumas condições: a apresentação de um protótipo do carro no prazo de 60 dias; a indicação de um nome para a diretoria da empresa; e a existência de um capital inicial de 15 milhões de dólares.

Abe Karatz sai a campo visando atrair investidores interessados no projeto. A venda de ações da Companhia, que ainda não existia, era o caminho para realizar a segunda condição, conseguir o capital de 15 milhões de dólares. Karatz utilizava o nome de Robert Bennington, ex-vice-presidente da Ford, contratado para a diretoria da fábrica.

O terceiro passo era conseguir a fábrica. Michigan, onde moravam, não possuía condições adequadas para a instalação da fábrica. Por isso, Tucker e Karatz escolhem uma antiga fábrica de dirigíveis abandonada, em Chicago, onde será instalada a linha de produção da Tucker S.A.

Agora, havia um novo passo, a construção do protótipo, que concentra as atenções do filme durante um bom tempo, pois é aí que irão aparecer os primeiros sinais de que a empreitada de Tucker opunha-se a grandes interesses. O primeiro contato de Tucker com o diretor Bennington sinaliza as dificuldades de conseguir o material (argila) para a fabricação do protótipo e o descaso da diretoria com o projeto de Tucker. Detroit, a capital do automóvel, onde se localizam as sedes das três principais empresas automobilísticas, os estava boicotando.

Outro importante personagem entra em cena: o senador de Detroit, Ferguson. Na reunião com Tucker e Karatz, o senador faz questão de deixar claro que está do lado das Três Grandes. Tucker e Abe estavam “nadando contra o Estado” e esse viria a ser seu maior problema.

Tendo seu oligopólio ameaçado, as Três Grandes (Chrysler, Ford e GM) vieram a intervir, com a ajuda do Estado, na produção dos carros da Tucker S.A. Mesmo com as dificuldades e com uma série de defeitos disfarçados, o protótipo é construído a tempo e apresentado ao público na festa de posse da fábrica. Restava agora fabricar os cinquenta primeiros automóveis no prazo de um ano. Representando o interesse das Três Grandes, Robert Bennington desvia a atenção de

Tucker com uma viagem publicitária e começa a trabalhar na sabotagem do projeto original, o qual ameaçava o poder do oligopólio do setor automobilístico nos EUA na época.

Bennington muda o projeto inicial e tira tudo que o automóvel possuía de inovador. Não se tratam, é claro, de mudanças tolas ou ingênuas; para adaptar seus carros às novidades que um Tucker traria e ficar em pé de igualdade, as Três Grandes precisariam investir muito capital.

Um sopro de esperança vem com o surgimento na história de um fabricante frustrado de aviões que indica uma fábrica de helicópteros, desvinculada do governo, que poderia fornecer todo o aço e motores que precisassem. Preston Tucker reassume o controle da montagem dos automóveis e os testes, submetidos à espionagem, só comprovam seu bom funcionamento.

Percebendo o perigo que seus três anos de prisão por falsificação bancária poderiam oferecer ao seu amigo, Abe Karatz pede demissão. Ao mesmo tempo, a mídia, manipulada por Ferguson, leva o povo a acreditar que Tucker não passa de uma grande fraude que usa o dinheiro das ações para fins pessoais. Robert Bennington declara a fábrica como oficialmente fechada e Tucker é processado.

Em seu inquérito, após sofrer inúmeras acusações graves e falaciosas, Tucker se defende com um discurso que pode ser ligado à época em que eles viviam: o auge das idéias liberais, nas quais o poder do Estado sobre a economia era limitado à liberdade humana, uma época em que o protecionismo estatal a monopólios e oligopólios não deveria se encaixar; época na qual para entrar no negócio bastava um homem com uma idéia. No filme, vimos que o ocorrido foi exatamente o contrário: para não precisar investir milhões na adaptação às mudanças criadas por Tucker, as Três Grandes com a ajuda do Estado (senador Ferguson) fizeram todo o possível para levar Tucker à falência e manter seu equilíbrio. Até porque vale muito mais a pena e traz muito mais lucro inserir inovações gradativamente que oferecê-las todas de uma só vez. Tucker, portanto, é um ótimo exemplo para analisar a dicotomia presente entre a conceituação e a prática de uma lógica como o liberalismo.

Dos desdobramentos

Integrados às metas mais gerais da equipe do GPEG, os resultados da pesquisa sobre linguagem imagética serão colocados em discussão em seminários regulares que são realizados bi-anualmente pela equipe. Chamados de “Propósitos e Conceitos da Geografia no Ensino Fundamental/Médio”, as resultantes das discussões sobre o tema nesses seminários serão disponibilizadas em um sítio do grupo de pesquisas na internet, ainda em processo inicial de elaboração. Soma-se à importância já atribuída ao projeto, as possibilidades de uso do material produzido pelos professores das redes pública e privada e por pesquisadores da área de educação, em todo o Brasil, o que poderá produzir a troca de experiências entre profissionais ligados ao ensino da Geografia, a sua pesquisa pedagógica e em áreas afins.

A partir dos resultados obtidos nesta primeira etapa do projeto, pretendemos ainda, em momento futuro, analisar as imensas possibilidades abertas, no campo da interdisciplinaridade, com a elaboração de estratégias de ensino-aprendizagem apoiadas no uso da linguagem imagética como recurso didático-pedagógico. Somadas a essa possibilidade, ainda devem ser consideradas a título de investigações associadas ao projeto, as possíveis e desejáveis participações diretas dos alunos na produção e sistematização do conhecimento pela produção de seu próprio material audiovisual, ou seja, a produção pelos discentes de um material de uso educativo para eles próprios e sua comunidade. Nesse sentido, as investigações futuras devem redimensionar o papel do professor como o único produtor de materiais didáticos audiovisuais, assim como promover, via internet, a divulgação das produções discentes como fontes de estudos diversos e para uma gama cada vez maior de alunos e profissionais de ensino.

Acreditamos, desse modo, poder contribuir para um processo mais eficaz de ensino-aprendizagem que pode resultar em um definitivo distanciamento entre a escola do fazer e a escola do falar. Para Maria Helena Silveira (1996), “o aluno que produz uma imagem sobre um texto lido... produz uma síntese intelectual que lhe dá uma segurança de conhecimento que normalmente não teria”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nilda (2004) Nossa lembrança da escola tecidas em imagens. In CIAVATTA, Maria & ALVES, Nilda (org.) A LEITURA DE IMAGENS NA PESQUISA SOCIAL - HISTÓRIA, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO. São Paulo: Editora Cortez, pp.127-136.
- BORDENAVE, J.D. & PEREIRA, A.M. (1986) ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM.
- COELHO Paulo de Tarso (1196) A IMAGEM NA EDUCAÇÃO. Entrevista para o programa “Salto para o Futuro” de 21/05/1996. Disponível em http://penta3.ufrgs.br/videos/imagem_educacao/index1.html
- COSTA, Cristina. (2005) Educação, Imagens e Mídias. São Paulo: Editora Cortez. Aprender e Ensinar com textos, vol.12.
- FACHIN, Viviane Scalon (2002) A EDUCAÇÃO, A IMAGEM E A PARTICIPAÇÃO DOCENTE. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós -Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, SP.
- FISCHMAN, Gustavo E. (2004) Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In CIAVATTA, Maria & ALVES, Nilda (org.) A LEITURA DE IMAGENS NA PESQUISA SOCIAL - HISTÓRIA, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO. São Paulo: Editora Cortez, pp.109-126.
- HERNÁNDEZ, Fernando (2000) CULTURA VISUAL, MUDANÇA EDUCATIVA E PROJETO DE TRABALHO. Porto Alegre: Editora Artmed.
- JOLY, Martine (1996) INTRODUÇÃO À ANÁLISE DA IMAGEM. Campinas: Editora Papirus, 5ª edição.
- LACOSTE, Yves & KAYSER, Bernard. (1985) In SELEÇÃO DE TEXTOS: TEORIA E MÉTODO. nº.11, São Paulo, AGB.
- MOLES, Abraham A. (1999) LA IMAGEN: COMUNICACIÓN FUNCIONAL. México, Editora Trillas / Sigma, 2ª edição.
- MORIN, Edgard (2000) CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil.
- PONTUSCHKA, N.N. & OLIVEIRA, A.U. (2002) GEOGRAFIA EM PERSPECTIVA. São Paulo: Ed.Contexto.
- SANTOS, Milton (1985) ESPAÇO E MÉTODO. São Paulo: Ed. Nobel.
- SGARBI, Paulo. Ver através das imagens [e textos] práticas escolares possíveis. In EDUCAÇÃO E IMAGEM. Jornal Eletrônico, ano 1, nº.1, mai-jun/2007.
- SILVEIRA Maria Helena da. A IMAGEM NA EDUCAÇÃO. Entrevista para o programa “Salto para o Futuro” de 21/05/1996. Disponível em http://penta3.ufrgs.br/videos/imagem_educacao/index1.html
- SOUZA, Solange Jobim E. A melancia, o cinema e as crianças. In EDUCAÇÃO E IMAGEM. Jornal eletrônico, ano 1, nº.3, ago-set/2007.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (orgs.) (2003) A ESCOLA VAI AO CINEMA. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2ª edição.